

Contato-Improvisação: uma *forma* de dança. Entrevista com *Daniel Lepkoff*

Contact Improvisation: a dance form - Interview with
Daniel Lepkoff

*Diego Pizarro*¹

Entrevista realizada em janeiro de 2011, na Sala Crisantempo, em São Paulo/SP



Practice- (2013) - Solos: Daniel Lepkoff & Sakura Shimada; Par ici las danse - Festival, Ardeche, France
photo by: Fabrice Beauvois

Solos: Daniel Lepckoff & Sakura Shimada. *Par ici las danse*
Festival, Ardeche, França. 2013. Foto: Fabrice Beauvois

Daniel Lepkoff é dançarino, criador, artista de improvisação, professor e escritor. Seu trabalho é um olhar para o movimento funcional como um diálogo físico afinado com o ambiente e explora a forma e composição dessa interação como uma linguagem para compor danças. Durante o início da década de 1970 até meados da década de 1980 ele desempenhou papel central no desenvolvimento inicial da Técnica de *Release* com Mary Fulkerson e *Contato-Improvisação* com Steve Paxton. Vivendo na cidade de Nova Iorque nos anos 1980, atuou em diversos trabalhos de coreógrafos como Trisha Brown, Mary Overlie, Judy Padow e Nancy Topf. Através dos anos se ocupou de vários trabalhos de longo prazo e importantes colaborações com outros artistas, incluindo Lisa Nelson, Steve Paxton, Paul Langland, *Saira Blance Theater* em Moscou (Oleg Soulimenko e Andrej Andrianov), os músicos experimentais húngaros Dora Attila e a dançarina japonesa Sakura Shimada, dentre outros. Publicou inúmeros artigos articulando conceitos centrais para sua abordagem de criação em dança. Esses escritos aparecem na revista *Contact Quarterly*, *Movement Research Performance Journal* e *Contredanse*.

ISSN: 1414.5731
E-ISSN: 2358.6958

¹ Docente efetivo do Curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Brasília (IFB). Doutorando no PPAC – UFBA. diego.pizarro@ifb.edu.br



Daniel and Lisa workshop in Orvieto:

photographer: unknown

1992

O Contato-Improvisação (CI) é frequentemente definido como uma forma de dança. Você confirma esta definição em um texto recente (Lepkoff, 2011). Em relação ao CI, o que você entende por forma?

Eu não me lembro exatamente das palavras que eu usei, mas encontrar essa linguagem é uma coisa interessante. Eu acho que o CI se transformou em uma forma ao longo dos anos, mas em uma ideia mais convencional e simplista de forma. Algumas pessoas se referem a uma “forma de dueto” e entendo, “oh, é como uma imagem”, uma imagem mental de duas pessoas meio que fazendo algum movimento – talvez alguns carregamentos de ombro – e esta é a forma, como uma imagem. Mas, por eu ter praticado CI bem no início, antes de haver imagens, havia uma forma. Contudo, a forma não era uma imagem visual de duas pessoas rolando juntas. A forma era a meditação, a proposta, a questão física, e era sobre isso que eu estava escrevendo. Não é algo diferente, mas a forma é o que acontece quando você libera seu peso e encontra suporte de qualquer parte do seu corpo, quando você tem que compor seu movimento enquanto alguém está rolando e lhe tocando em qualquer parte do corpo em diferentes orientações espaciais. O que acontece nessa situação? O que você faz para sobreviver? Essas questões eram a forma. Quando eu era jovem e tive que apresentar esse trabalho, eu precisei preparar a minha mente e o meu corpo de forma a me sensibilizar em relação àquelas demandas físicas. Nós nos preparamos por meio da meditação em pé, da sensibilização da pele e da execução de movimentos que nos capacitassem para lidar com situações de risco. Mas nós não tínhamos nenhuma

imagem do que ia acontecer. Isso era claro. E quando eu estava escutando algumas pessoas conversando em um painel no *CI 36th*² e falando repetidamente “a forma de dueto”, eu de repente pensei: “O que isso significa?”, “O que vem a mente das pessoas quando dizem ‘a forma de dueto’?”. Seria um tipo de imagem visual desses corpos rolando uns sobre os outros? Eu acho que estou repetindo o que eu já escrevi, pois eu não tenho um novo pensamento sobre o assunto. Mas eu penso que o que é difícil, também talvez a razão pela qual a forma do Contato se tornou mais fixa, é que a palavra forma ou a ideia de forma é um tipo de coisa visual. Uma forma é um formato, como a forma do seu corpo é o formato do seu corpo. Não é tão simples pensar que uma forma é uma questão.

Você esteve lá no início do desenvolvimento do Contato-Improvisação, você dançou na primeira apresentação de CI na *John Weber Gallery* em Nova Iorque em 1972. Desde então eu imagino que você tenha visto muitos grupos diferentes dançando CI ao redor do mundo. Que diferenças você nota quando compara os tempos iniciais do CI nos EUA com o que está acontecendo atualmente não somente no seu país, mas em outros países, talvez no Brasil?

Eu me lembro de uma *Jam* de Contato em Brasília, mas isso foi por volta de dez anos atrás. Eu me lembro do Giovane³ [Aguiar], ele tocava música na *Jam* e o grupo colocava a música muito alta. Eu não sei... música popular, música rápida, música lenta... De alguma forma parecia normal, quero dizer, ninguém se questionava sobre isso ou talvez eles nem notassem muito. E eu pensei bastante sobre isso no Brasil, porque esse país tem muito som no ambiente, não é um país quieto, é um país barulhento, inclusive a natureza. Por exemplo, dessa vez estou dormindo na casa da Beth⁴ [Bastos]. Lá tem vários sapos e eles fazem barulho a noite toda. Em Brasília, tinha a cigarra cantando o dia todo bem alto. Não é um problema, mas foi uma coisa diferente, porque, no início do CI, nós não utilizamos música, e música é uma influência muito forte. De qualquer maneira, nós estávamos tentando fazer com que as pessoas vissem a música, o ritmo ou as respostas corporais de sobrevivência às situações de risco de quando você está em queda livre. Mas eu não tenho prestado muita atenção ao CI por um bom tempo já, então eu não tenho muitas impressões. Minhas impressões talvez não sejam muito úteis.

Você também afirma que para desenvolver seu próprio trabalho você teve que se afastar do rótulo Contato-Improvisação. Por quê?

Isso começou muito tempo atrás. Eu estava ensinando CI e eu estava muito empolgado sobre o estado de quietude [*stillness*]. Eu percebi que deveria ser algo

2 Encontro realizado em 2008 na *Juniata College*, no estado da *Pennsylvania*, Estados Unidos da América, para celebrar os 36 anos do surgimento do Contato-Improvisação.

3 Artista da cidade de Brasília que se dedicou especialmente nos anos 1990 em disseminar o Contato-Improvisação na cidade. Criador e curador do *Festival Internacional da Nova Dança*.

4 Beth Bastos é bailarina, professora e coreógrafa. Desenvolve, junto à bailarina norte americana Lisa Nelson, uma parceria de estudos e performances sobre a composição, a percepção e o sentido da imaginação.

conectado com o movimento da atenção, mas isso foi há bastante tempo e eu percebi que, no momento da quietude, se você pode mover sua atenção, você adquire o treinamento para a forma de estar no dueto de Contato e não somente reagir sem nenhuma informação. Você pode pegar a informação da própria dança, obter sua resposta e observar. O Steve [Paxton] trabalha com a posição em pé, nós costumávamos ficar em pé, em pausa, por 20 minutos. Durante aqueles 20 minutos você estava prestando atenção à sua mente e aprendia como meditar e manter a concentração. Então eu tive a oportunidade de dar uma aula de Contato e a aula inteira foi sobre quietude. Alguns dos alunos disseram: “Eu não vim a essa aula pra fazer isso. Eu vim porque eu quero fazer Contato-Improvisação, não isso”. Eu fiquei muito irritado, eu era jovem. No final eu entendi que o único problema não era o que eu estava fazendo, mas o nome que eu estava usando. Eles vêm para a aula com uma ideia, o que talvez não seja errado, mas eu estou explorando algo em que eu estou interessado. E se eu encontrasse outro nome, se eu mudasse o nome da minha aula? Eu pensei então que o nome seria “A atividade de não fazer nada”, e ninguém mais reclamou sobre o que eu estava fazendo. Eu também reconheço que no contexto do CI há pessoas que estão mais interessadas em fazer a forma do movimento do que pesquisá-lo. Se eu proponho algo como trabalhar com deslizamentos, com a sensação de deslizar em uma aula de CI, algumas pessoas talvez deslizem um pouquinho e então a estimulação e o desejo deles de fazer Contato e a estimulação de que eles estão tocando outra pessoa faz com que eles simplesmente se esqueçam do foco do exercício e comecem a dançar Contato. Eu os paro e digo, “nós não estamos rolando, nós não estamos carregando, nós não estamos pulando, nós estamos deslizando, vocês se esqueceram?”. E eu pensei que é importante que, se você decide fazer algo, você pode pelo menos controlar sua mente para focar em alguma coisa. Eu simplesmente pensei... sim... isso é uma força, uma força que não é sobre pesquisar movimento, que não é tão disciplinada para estudar movimento, é uma coisa mais como nós viemos para esta dança social que nós conhecemos e nós queremos fazer o que nós sabemos. Este não era um *workshop* específico, era uma aula semanal de CI em Nova Iorque e todo mês vinha um professor diferente. Enquanto professor, eu não acho bom propor um exercício e não dizer nada quando as pessoas começam a fazer outra coisa. Eu sinto que tenho que dizer não, não é isso, é outra coisa. Assim, pessoas que podem estar interessadas em deslizar não ficam confusas ao verem algumas pessoas fazendo outras coisas. Se eu estou imerso em meu próprio universo, meus interesses não vão em direção à forma do dueto. Aliás, eu nem sei o nome desse *workshop* que estou dando aqui. Ele tem um título⁵? Nem todo mundo aqui parece compreender muito bem que não existe uma ideia fixa sobre o resultado final, por isso é uma pesquisa muito aberta. O Contato-Improvisação possui uma ideia muito fixa sobre o resultado final e isso tem uma grande influência em relação a se saber onde se está indo. Para mim isso significa simplesmente que eu tive outros interesses, como trabalhar com a visão, trabalhar com o espaço, trabalhar com a linguagem de criar imagens provenientes não somente das ações de tocar e cair. Mas o que eu acho que está

5 Refere-se ao *workshop* que ministrava na ocasião da entrevista na cidade de São Paulo, organizado por Beth Bastos. Título: *Movement and Imagination: Physical Dialogues and Tuning Scores*.

muito próximo do que nós estamos fazendo nessa semana⁶ e o que o CI está fazendo é olhar para como você responde ao ambiente e que essa inteligência é um tipo de composição em dança. Estudar, apreciar e utilizar isso como material é, com certeza, o que o CI era no início, ou seja, colocar no palco o comportamento das pessoas. Isso era realmente uma resposta reflexa muito profunda e não planejada, com o intuito de mostrar algo. Mas era planejada para sobreviver ao momento, não planejada para mostrar uma imagem. O Steve [Paxton] criou essa forma incrível e colocou esse tipo de movimento no palco. Eu acho que em nosso *workshop* aqui – com o trabalho da Lisa [Nelson] e meu trabalho – nós estamos trabalhando com isso. Como o objeto da Lisa com *feedback* e como você olha e qual é o seu desejo, ou seja, é tudo sobre sua resposta ao ambiente e aquela linguagem de movimento que não é estética ou feita para ser bonita ou qualquer coisa do tipo. O CI era muito focado no peso e no toque, um tipo de reação reflexa não premeditada e não muito sobre os outros tipos de caminhos, a necessidade do ambiente quando não é uma situação de risco. Quando você está ouvindo algum som ou quando nós estamos decidindo onde iremos sentar nesse gramado⁷, isso também é uma composição, mas o CI está olhando para isso com uma lente mais restrita. Ou seja, estuda o mesmo assunto, mas outras manifestações sobre ele. Eu entendo que respeitar o que o Steve propõe é sair disso, ou seja, não usar o mesmo nome para fazer qualquer outra coisa. Isso realça aquela forma do dueto conhecida como *round robin*⁸, de duas pessoas lidando com essa coisa bastante particular, que era o trabalho dele e ele deu o nome de Contato-Improvisação. Eu não acho respeitoso usar este nome para outros tipos de experimentos. Então eu encontrei meu próprio respeito pelo trabalho e uma liberdade de dizer que agora eu estudo minha visão, eu estudo corpos no espaço. E eu não estou chamando isso de Contato-Improvisação. Se o Steve nunca tivesse aberto mão e dito que isso era a coreografia dele, isso nem seria uma questão.

Eu estava conversando com o Alito Alessi⁹ e ele me disse que Steve comentou com ele uma vez que somente 10% do que é feito hoje sob o nome de Contato-Improvisação é realmente Contato-Improvisação como ele o entende. Na verdade, ultimamente eu tenho frequentado diversos *workshops* de CI cujos títulos são *CI e Body-Mind Centering®*, *CI e Movimento Autêntico*, CI e alguma outra coisa. Atualmente a comunidade de CI no Brasil está ficando cada vez maior e estabelecendo núcleos diversos de prática, de norte ao sul do país. Eu vejo este movimento de forma similar ao que aconteceu nos EUA nos anos 1970. Muitas pessoas ensinando CI, algumas sem muito conhecimento ou experiência suficiente nesse material. Entretanto, as pessoas estão se juntando e compartilhando danças sob o nome Contato-Improvisação ou próxi-

6 Referência ao *workshop* já citado.

7 Referência ao local de realização dessa entrevista, um enorme gramado ao fundo do quintal de uma casa na cidade de São Paulo, na Vila Madalena.

8 Uma possível tradução para *round robin* é “círculo de ladrões”. Refere-se a uma estrutura para a prática de CI que consiste em um círculo de pessoas em que uma ou mais duplas encontram-se no centro do círculo dançando CI. Qualquer pessoa pode entrar no círculo e “roubar” um dos parceiros para continuar a dança.

9 Após perceber, por meio de sua própria vivência, que a promessa inclusiva da dança Contato-Improvisação não se realizava por completo, Alito Alessi desenvolveu o método *Danceability®* na década de 1980. Este é um método para dança, movimento e comunicação não verbal que integra pessoas com e sem deficiência trabalhando em colaboração criativa. Ver: <http://www.danceability.com/>

mos a uma ideia sobre esta prática como nunca visto antes.

Em meus escritos (Lepkoff, [2000] 2008), eu decidi afirmar que isso é positivo, não importando a quantidade de contusões, prejuízos e ideias fragmentadas que a forma original tenha recebido. Ainda existe este conceito básico das pessoas validarem sua própria inteligência física e sua reação genuína, mesmo que muitas pessoas estudem Contato e aprendam coisas como “este é o carregamento bonito e você precisa aprendê-lo”, ou “se você fizer uma dança com este carregamento, você fará uma boa dança”. Eu ainda acho que a estimulação aos detalhes em determinados momentos ainda apresenta um resquício desse conceito. Ou seja, um conceito que valoriza as suas reações pessoais, a sua própria imagem, o seu próprio gosto e não filtra-lo segundo o pensamento de que “isso parece bonito” e “isso não parece bonito”. O gosto real de um movimento, não o nome “bonito” ou “a boa dança, a dança ruim”. Eu ainda acho que Contato-Improvisação foi para mim uma *performance* e, como tal, a forma específica foi muito importante. De outro jeito teria sido somente mais um tipo de ideia estúpida que teria sucesso ou fracassaria, que não teria mostrado para as pessoas algo que eles podem enxergar, mas algo que eles podem olhar. Então, as restrições e as direções de Steve e sua força foram um tipo de direção não muito usual, mas ele não permitiu nenhum tipo de besteira nas primeiras *performances*. Ele criou um ambiente muito intenso e é por isso que o trabalho foi tão interessante para tantas pessoas, porque era muito real. A forma como ele aconteceu foi muito importante. Agora as pessoas vão para as *Jams* e dançam, elas apenas se curtem e, talvez, por ser uma prática tão inteligente, lindas danças acontecem por acaso em uma *Jam*. Mas, quando essas pessoas vão para o palco e não sabem realmente o porquê daquele acaso ter acontecido, o que seria o foco de permitir que aquelas lindas danças acontecessem se transforma em não saber a razão das pessoas os assistirem. Outras coisas como “oh, eu estou fazendo esta dança, nada muito legal está acontecendo, mas as pessoas estão me assistindo, então eu acho que eu devo pular na pessoa, que eu devo carregar a pessoa, que eu devo mostrar algo”. Porque eles, na verdade, não confiaram na ideia de que estão mostrando a importância da reação humana e não uma dança bonita. Mas se você, de fato, não escolhe isso e não decide dizer “esta é a minha prática”, quando você vai para uma apresentação, ela se torna apenas “como eu posso fazer uma boa apresentação?”. Eles não sabem o que estão apresentando. Assim, eu percebi que, enquanto uma atividade que aconteça no contexto de uma *Jam*, isso não importa, mas enquanto um dançarino ou como uma forma de comunicação artística realmente importa que eu tenha uma forma bastante clara. Eu gosto dessa intensidade da clareza, o tipo casual, uma espécie de mistura, como quando um homem encontra uma mulher. No Festival de Contato na Alemanha¹⁰ oito anos atrás, os títulos dos *workshops* eram incríveis, mas ninguém estava de fato ensinando CI no Festival de CI. Eles estavam ensinando *Homens encontram mulheres*, ou *Partituras de voo* e ninguém estava, na realidade, ensinando aquela trabalho, aquela prática pura e simples. Todos tinham um tipo de nome para o CI, tanto faz. Como você mesmo disse

¹⁰ *International Contact Festival Freiburg* é o maior festival dedicado à prática do Contato-Improvisação no mundo e acontece anualmente na Alemanha, reunindo diversos praticantes e pesquisadores. Ver: <http://www.contactfestival.de/>

“*CI e Movimento Autêntico*”. É como escrever um grande romance, vamos fazer um grande romance, como *Moby Dick encontra Godzilla*, e pensam “oh, seria excelente”.

Você escreveu um texto em 1975 (Lepkoff, 1997) sobre o que você descobriu ao ensinar CI. Você já disse algo sobre isso no início de nossa conversa, mas no texto você diz que trabalhar com CI significa trabalhar com habilidades de comunicação. Nesse texto em específico você parece um pouco irritado.

Bem, eu lhe disse que tive um problema com o CI desde o início. O mesmo problema, isso é muito chato, e eu estou feliz de deixar isso para trás, eu deixei isso para trás. Mas sim, mesmo no momento em que o CI foi criado, havia, para mim, algum entendimento. Eu queria que o Steve não tivesse aberto mão do CI. Mas, por outro lado, se ele não tivesse feito isso, eu nem sei se você estaria me entrevistando agora. Ou se a Lisa abrisse mão da *Tuning Score* e aceitasse a interpretação de todo mundo sobre essa proposta. Porque eu acho a dança dela incrível, mas nem todas as danças das pessoas são incríveis, nem todo entendimento sobre a proposta dela é incrível. Talvez as pessoas gostem dessa estrutura por algum outro motivo. E se ela não tomar cuidado, vai se tornar algo que não me interessa, mas terá o mesmo nome. Então, eu tive essa sensação bem no início do CI. Eu me pergunto se o que eu estou propondo é só ideia minha, nem mesmo do Steve. Eu disse para ele que eu tinha escrito um artigo e ele o leu. Eu perguntei a ele se eu estava deturpando o trabalho dele. Ele somente me respondeu sobre erros de ortografia de algumas palavras; ele não teve nenhum problema com o que eu estava dizendo nesse artigo mais recente. No início, eu senti que eu fui ensinar CI e isso estava fugindo do meu controle, como se as pessoas já soubessem o que eles achavam que eu estava lhes pedindo para fazer antes mesmo de eu sentir que eu tinha terminado minha frase para dizê-los o que eu estava pensando. Eles achavam que já sabiam o que eu estava dizendo e eu não tinha a sensação de que eu podia me expressar, a resposta era muito rápida. Mas eu era jovem e inexperiente, eu tinha somente meu coração, minha intuição e nenhuma linguagem, nenhum exercício, e eu não sabia como dar *feedback*, portanto eu só podia ficar irritado, porque eu não gostava daquele caminho. Eu não sabia como consertar aquilo e por que motivo exatamente eu não gostava. Eu não analisei isso ainda. É legal que eu tenha ficado com essas questões e problemas e então agora eu posso entrar na comunidade de CI. Eu vou ensinar no Festival de CI de Freiburg [agosto de 2011] e eu posso deixar o Contato ser qualquer coisa que ele quiser ser, mas quando eu danço ou ensino, eu sou forte o suficiente para fazer o trabalho que eu entendo, mas quando eu era jovem, eu não podia fazer isso.

O que você vai ensinar no Festival de Contato de Freiburg?

No festival eu vou ensinar Contato-Improvisação. Eles me pediram para dar um *workshop* lá seis anos atrás, aí eu pensei que se este era um festival de Contato, então eu ensinaria Contato. Então eu senti que eu era a única pessoa ensinando Contato no Festival naquele ano. As pessoas estavam ensinando como se relacionar com o

sexo oposto, como ter um bom sexo... seja o que for... como pular e voar, como fazer acrobacias. E o incrível foi que eu dei quatro ou cinco dias de aula e todo mundo estava dançando juntinho, aí vieram mais alunos no segundo dia, mais no terceiro e no final a sala estava completamente cheia. Você queria dançar, mas não tinha espaço. Então eu pensei, "é formidável e eu estou apenas ensinando Contato-Improvisação". Ainda é um trabalho muito bom e as pessoas ficam animadas só de praticá-lo. Agora os organizadores do festival estão falando para os professores ensinarem Contato-Improvisação. Talvez eles tenham aprendido algo com isso. Antes do festival deste ano eu vou dar outro *workshop* em que eu posso escolher sobre o que eu quero trabalhar. Eles somente nos pedem para ser algo relacionado ao Contato, mas eu acho que meu trabalho é bastante relacionado com o Contato. Mas eu não ensino muito Contato, então é incomum pra mim. Eu gosto de fazer isso e meu corpo conhece bem a prática.

Há um livro publicado na Alemanha chamado *Contact Improvisation: moving dancing, interaction*, escrito por Thomas Kaltenbrunner (1998), que funciona mais ou menos como um guia para o CI.

Com 565 exercícios ou algo do tipo... é sobre isso que eu estava falando em meu artigo.

Parece que algumas pessoas na comunidade internacional de CI ficaram um pouco irritadas com isso, alegando que o livro apresenta de certa forma uma visão simplista e deturpada do CI, ao listar diversos exercícios.

Eu penso que mesmo que sejam 565 exercícios e alguém os aprenda, quando estiver dançando, ele tem um momento e seleciona uma dentre 565 possibilidades que podem ser feitas. Essa é uma aula mental muito diferente de criar uma escolha que teria lugar naquele momento e que você nunca faria de novo. Mesmo que você fizesse de novo, pelo ato de repetir você não estaria fazendo como da primeira vez. Você entende? A questão é que você tem muitas escolhas, aqui é uma improvisação, aqui é seu momento, você pode fazer A, B, C ou D, mas este não é o trabalho. O trabalho é "aqui é o momento", e o que o seu corpo está lhe dizendo para fazer agora. "Seu corpo", não o que o livro diz para você fazer. Você está na verdade escrevendo um livro novo a cada momento, não repetindo o que alguém diz.

Mas eu acho que o Aikido¹¹ é interessante. Porque ele tem essas formas específicas que você pratica repetidamente, mas você nunca terá que improvisar, nenhuma vez sequer. Quase nunca em uma prática de dez anos. Na realidade, a atmosfera do Aikido Dojo me lembra mais da atmosfera que o Steve criou no início do que a atmosfera de uma *Jam* de Contato. Mas o Aikido é mais intenso, é mais limitado, é mais focado, não é social. No momento em que você está praticando Aikido ele não

¹¹ Aikido é uma arte marcial japonesa desenvolvida pelo mestre Morihei Ueshiba (1883-1969), aproximadamente entre os anos de 1930 e 1960, como um compêndio dos seus estudos marciais, filosofia e crenças religiosas.

é social, você não se senta e fala para os outros seu nome, você não conversa entre os exercícios, você não vai para o canto e começa uma conversa sobre o tema da aula, o professor demonstra e o aluno não fala muito. Depois que termina você pode falar com as pessoas, mas não na aula, e eu acho que você está sempre em um tipo de caminho corporal de observar e não alternar entre o comportamento social e o comportamento corporal.

É quase um paradoxo, porque o Aikido influenciou muito o Steve. Mas nessa prática você tem que seguir um mestre e no CI você não tem um mestre; é uma abordagem completamente diferente.

Mas o Steve era um mestre. Ele não queria ser, mas ele era. Ele era muito forte e parte de sua mestria se recusava a ser aquele mestre, mas ele era. Ele liderava por exemplos, e os exemplos dele eram tão fortes que você não podia fazer mais nada. Dançar com ele era como se ele não me desse outra escolha, a não ser fazer este trabalho. Ele me deu uma tremenda quantidade de confiança, porque ele disse "lide com isso". Ele não disse "você está pronto para isso?", "você aguenta isso?", "você pode realizar isso?". Desse modo ele confiou em mim mais do que eu confiei em mim mesmo. Como ele sabia como fazer isso? Eu não acho que ele sabia, de fato, eu acho que ele não sabia, mas para mim pareceu que ele sabia, ou era como se "oh, meu Deus, é melhor eu me encontrar, dançar, agir e fazer!". Eu não tinha tempo para duvidar, para questionar, para imaginar. Era tão corporal e, como um mestre, ele me obrigou a fazer isso, depois eu estava como se "uau, eu nunca imaginei que eu fosse tão forte". Então eu me senti muito mais forte quando eu dancei com ele do que eu jamais tinha sentido na vida, então eu fiquei realmente viciado naquela experiência. Eu aprendi muito fazendo isso, e eu amava a prática por ser tão corporal e nada gentil, nada curativa, simplesmente desafiadora. Como quando eu dancei com o Diogo [Granato]¹² no *workshop* da Lisa. Eu cheguei atrasado e ele estava traduzindo, as pessoas estavam fazendo o exercício em que uma pessoa ficava de olhos fechados correndo e a outra pessoa cuidando. Ele disse "vamos, eu vou ser seu parceiro". Ele foi para o espaço sem medo nenhum, ele tinha medo zero e isso me lembrou daquele tipo de fisicalidade nas danças iniciais de Contato. Eu acho que o Steve escolheu dançarinos cujos corpos eram fortes, jovens e atléticos. Agora, quando você ensina Contato e as pessoas chegam, talvez eles não sejam fortes nem atléticos, então eles podem se lesionar facilmente. Quando você trabalha com eles, você tem que ir bem devagar e ser bastante gentil ou as pessoas vão se machucar. Mas aquele grupo era especial, eu estava fazendo ginástica artística e dançando. Então pôde haver aquele jogo no limite do risco que criou um trabalho corporal incrível, ao invés de um tipo de representação, ou atuação, ou qualquer outra coisa. Quando ele não estava por perto e tinha um grupo de pessoas fazendo Contato e não havia o Steve para guiar, nós não gostávamos tanto, eu particularmente. Não parecia tão interessante para mim. Não houve nenhum debate nas duas primeiras apresentações, porque nós não

¹² Diogo Granato é artista paulistano que transita entre a dança, o teatro e o parkour. Começou a dançar Contato-Improvisação aos 18 anos com Isabel Tica Lemos no Estúdio Nova Dança, em São Paulo. Ver: <https://diogogranato.wordpress.com/>

sabíamos de nada e a única pessoa que sabia era o Steve. Então isso não era uma discussão. Eu estava tentando entender o que estava acontecendo e fazer o que era proposto. Isso foi há tanto tempo e é o que o trabalho significou para mim, e ainda é de onde eu estou partindo. Eu realmente não me importo sobre o que as outras pessoas estão fazendo quando dançam Contato-Improvisação.

Você acha que o Steve se importa?

Eu não acho que ele se preocupe com isso. Eu acho que essa pergunta é outra coisa. Nós estamos falando sobre uma pessoa e ele é uma pessoa complicada. Quer dizer, sua liderança naquele projeto é uma coisa, mas ele como pessoa é uma vida, sua vida como um todo e sua personalidade tem muitas faces. Ele é complicado e isso é outra coisa. Não é que ele como pessoa seja um guru ou um mestre. Naquele momento, naquele projeto ele foi muito puro e claro, não é como se ele tivesse uma vida pura e clara, não, ele é tão humano como qualquer outra pessoa. Sua fama é pelo Contato e não somente, mas ele deu uma palestra no *CI 25th*¹³ e depois outra no *CI 36th*. Ambas foram muito inteligentes, mas eu gosto mais da última. Ele estava assumindo por um momento aquela mesma posição, meio que agindo como o pai do Contato, mas naquele momento ele não estava abrindo mão de nada do que o trabalho era para ele. Ele meio que falou desse lugar e eu acho que algumas pessoas de certa forma o desafiaram e ele assumiu o mesmo papel de nem sequer aceitar aquele desafio. Algumas pessoas perguntaram para ele se o CI não seria terapia e se se todos deveriam fazê-lo. Ele simplesmente disse “não, não é”. Para essa pergunta em específico ele disse “não, porque não é vermelho, não é azul, não é terapia, não é agressivo, não é gentil, não é bom, não é ruim e não é nada de nenhuma dessas coisas”. Porque o que é... é uma questão que deve ser respondida no momento. Tampouco você pode fazer Contato e dizer “eu vou curar meu parceiro”, não, “eles vão me curar”, não, “eu vou confiar neles”, não. Você não pode confiar neles e você não os conhece. Você só conhece o que você vivencia naquele instante, você não os conhece antes daquele momento. Então, ele estava de volta àquela questão de definição, e dessa forma ele tomou a liderança por um momento, porque foi uma ocasião em que ele teve a atenção das pessoas. Eu gosto dessa fala.

Referências

KALTENBRUNER, Thomas. *Contact Improvisation: moving, dancing, interaction*. Aachen (Germany): Meyer & Meyer, 1998.

LEPKOFF, Daniel. Contact Improvisation: a question. *Contact Quarterly*. Northampton/MA, v.36, n. 01, 2011, p. 38-40.

_____. Contact Improvisation or what happens when I focus my attention on the

13 Evento em comemoração aos 25 anos do surgimento da dança Contato-Improvisação.

sensations of gravity, the earth and my partner? In: SMITH, Nancy Stark; NELSON, Lisa. (Ed.). *Contact Quarterly's Contact Improvisation Sourcebook II: collected writings and graphics from contact quarterly dance journal 1993 – 2007*. Northampton/MA: Contact Editions, 2008, p. 202-3.

_____. Notes after teaching second class in Missoula Montana. In: SMITH, Nancy Stark et al. (Ed.). *Contact Quarterly's Contact Improvisation Sourcebook: collected writings and graphics from contact quarterly dance journal 1975-1992*. Northampton/MA: Contact Editions, 1997, p. 03.

Recebido em: 26/07/2016

Aprovado em: 03/08/2016